

“Por Onde Tá ‘O Tu’?” No Português Falado no Maranhão

“OÙ EST ‘LE TU’? DANS LE PORTUGAIS PARLÉ AU MARANHÃO

Cibelle Corrêa Béliche **ALVES** *

Resumo: Este trabalho apresenta uma “fotografia geossociolinguística” do português falado no Maranhão no que concerne ao uso de *tu* e de *você*. Constituído-se em um estudo de natureza geossociolinguística, ao aliar dois enfoques teóricos da variação regional – a dialetologia e a sociolinguística, a pesquisa verifica a relevância das variáveis sociais e linguísticas no comportamento dos falantes com relação ao uso das formas *tu* e *você*. O *corpus* da pesquisa, constituído a partir do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, é o resultado da aplicação de 28 entrevistas realizadas com informantes de ambos os sexos, agrupados em duas faixas etárias, nos municípios de São Luís e Pinheiro (Mesorregião Norte), Bacabal e Tuntum (Mesorregião Centro) e Alto Parnaíba e Balsas (Mesorregião Sul). A análise dos dados revela que, estatisticamente, o *você* se mostra como a forma mais frequente no falar maranhense, ao apresentar percentual de 61,6% das ocorrências. A análise mostra ainda que a alternância de *tu* e *você* é condicionada pela idade do falante e pela localidade à qual pertence. O tipo de relato também tem forte atuação na seleção das formas investigadas.

Palavras-chave: Geossociolinguística. Segunda pessoa do discurso. Português falado no Maranhão.

Résumé: Ce travail présente une “photographie géo-sociolinguistique” du portugais parlé au Maranhão en ce qui concerne l’usage du *tu* et du *você*. Il s’agit d’une étude géo-sociolinguistique, liée à deux théories de la variation

* Professora-Pesquisadora do Atlas Linguístico do Maranhão e da UEMA. Mestre em Linguística/UFC/FAPEMA, 2010. Doutoranda em Linguística/UnB/Bolsista CAPES, 2011. Contato: cibellebeliche@yahoo.com.br.

regionale – la dialectologie et la sociolinguistique. Cette recherche veut vérifier l'importance des variables sociales et linguistiques, dans le comportement des parlants par rapport à l'usage du *tu* et du *você*. Le corpus de la recherche, constitué d'après les données du Atlas Linguistique do Maranhão – Projet ALiMA, est le résultat de l'application de 28 interviews réalisées avec des informants des deux sexes et de deux groupes d'âge, dans les villes de São Luís et Pinheiro (Région Nord), Bacabal et Tuntum (Région Centre), et Alto Parnaíba et Balsas (Région Sud). L'analyse des données révèle que, statistiquement, *você* est la forme la plus fréquente dans le dialecte maranhense, avec un pourcentage de 61.6% de l'échantillon total. L'analyse des données indique aussi que l'alternance du *tu* et du *você* est conditionnée par l'âge du parlant et par la localité où il habite. Le facteur linguistique type de discours est important aussi pour la sélection des formes en étude.

Mot-Clés: Géolinguistique. Deuxième personne du discours. Portugais parlé au Maranhão.

Para Começo de Conversa...

Muitos são os estudos que têm apontado as diferenças entre o português europeu (**PE**) e o português brasileiro (**PB**). Dentre os fenômenos linguísticos evidenciadores dessa diferença, temos a organização dos pronomes pessoais que demonstra ser um tema ainda não esgotado.

Os estudos de Soares (1980), Monteiro (1990,1994), Ilari *et al.* (1996), Paredes Silva (2003), Lucca (2005), Menon (1996), Menon e Loregian-Penkál (2002), Dias (2007), Mota (2008) e Scherre (2010), dentre outros, comprovam que o uso expressivo das formas *tu* e *você*, bem como a descrição consistente desse uso, despertou (e tem despertado) o interesse de vários pesquisadores.

Mas, apesar de a questão pronominal do PB contar com um número significativo de estudos, e para que possamos ter um conhecimento mais amplo e detalhado da realidade linguística do Brasil e, notadamente, do Maranhão, ainda há muito a pesquisar, uma vez que são poucas as contribuições aos estudos maranhenses, mais particularmente, no nível morfosintático, sobre o sistema pronominal.

Há, pois, muitos trabalhos que enfocam o sistema pronominal nas variedades do português falado, notadamente no eixo Sul – Sudeste. No

entanto, no eixo Norte – Nordeste, excetuando-se a Bahia e o Ceará, as pesquisas sobre esse tópico ainda são em número reduzido. No Maranhão, *locus* de nossa pesquisa, até onde pudemos investigar, encontramos apenas os trabalhos de Ramos (1996, 1999) e Herenio (2006).

Recorrendo ao banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA¹, podemos observar que o português falado no Maranhão vem apresentado variações e/ou mudanças já observadas no âmbito pronominal do PB, justificando, mais uma vez, a necessidade de estudos² como este. Vejamos os fragmentos abaixo:

INQ. – E no passado, tu acreditava que se falava diferente aqui? [...]

Pensaste em relação a teus avós, a tua bisavó...

INF. – Ah, não. Vovó conta que **na época antiga**, né? Era **vosmicê**...

Hoje em dia já **abrevia tudo**, né?

(São Luís, masculino, 1ª faixa etária)

INQ. – E no passado falavam diferente aqui?

INF. – Não... só que aqui (**antigamente**) chamava mais era de **tu** né,

chamava mais era **tu**, nós, eu, aí **agora** tá todo mundo chamando é

você... **você**, vocês, nós.

(Tuntum, feminino, 1ª faixa etária)

Tendo em vista essa realidade e partindo da observação de que o português falado no Maranhão tem conservado a presença viva e marcante

¹ Aprovado pela Resolução nº 244/2002-CONSEPE, de 10 de abril de 2002, o ALiMA é um projeto de pesquisa do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão – DELER/UFMA, que tem entre seus principais objetivos “elaborar o Atlas Linguístico do Maranhão” e “descrever a realidade do português do Maranhão para identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado”. (RAMOS *et al*, 2005)

² Visando dar continuidade aos estudos já iniciados por Alves (2010), atualmente é desenvolvida, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre, uma pesquisa com foco na alternância *tu, você, ocê, cê* e *o(a) senhor(a)* e na variação na concordância verbal com o *tu*, no falar de São Luís, capital do Estado.

do *tu*, este trabalho³ tem como objetivo fazer uma “fotografia geossociolinguística” do português falado no Maranhão no que concerne ao uso do *tu* e *você*. A seguir, dirigimos nossa atenção para as pesquisas sobre as formas de tratamento e o sistema pronominal do PB e, em especial, sobre o Maranhão.

1 Sobre a Alternância das Formas de Tratamento: o que dizem as pesquisas

Foi feliz a afirmação de Cintra, em 1986, ao mencionar que as formas de tratamento em PE, que tanto surpreendem e interessam, despertaram a atenção dos pesquisadores. Parece-nos que, no Brasil, as mudanças observadas no sistema pronominal, ao se mostrarem como um dos fenômenos linguísticos mais evidenciadores das diferenças entre o PE e o PB, também despertaram/despertam o interesse de vários pesquisadores.

Recuando no tempo, Amaral⁴, em 1920, na obra *O Dialeto caipira*, já apontava indícios sobre o uso do *tu* e do *você* na variedade do português falado no Brasil. Segundo o autor, o *vós* “já não se ouve [...] senão, talvez, excepcionalmente”, enquanto a segunda pessoa do singular – *tu* –, embora usada às vezes por ênfase, vem acompanhada das formas verbais de terceira pessoa, como em “tú vai”, “tú disse”, “tú bem sabia”.

Em 1943, Marroquim⁵ chegou a afirmar que é, na “língua matuta”, que verificamos o uso, em ordem decrescente, dos pronomes de segunda pessoa – *tu*, *você* e *vós* –, sendo a forma *você* empregada, familiarmente, no falar da classe culta⁶.

Com relação à forma *tu*, Soares (1980) observou que, em Fortaleza, é frequente o uso do *tu* sem a concordância típica de segunda pessoa. Os

³ Este trabalho apresenta-se como um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, intitulada “*O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*”, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

⁴ Aqui citado pela edição de 1976.

⁵ Aqui citado pela edição de 1996.

⁶ Para Cardoso (2008), essa afirmação de Marroquim nos dá indícios de que: i) o *você* é, desde aquela época, assumido pelo autor como pronome de segunda pessoa e ii) a seleção dessa forma é condicionada em função do perfil diastrático do falante.

dados demonstraram, ainda, a existência de um sistema ternário de formas pronominais ou pronominalizadas, na função de sujeito: *tu, você* e *o(a) senhor(a)*.

Monteiro (1994), por sua vez, afirmou que o sistema pronominal do PB sofreu várias mudanças, algumas ainda em curso e outras já plenamente realizadas. Entre as primeiras, temos o emprego de *a gente* em vez da forma pronominal *nós*; e entre as mudanças já consumadas, temos o pronome *vós* que, substituído pela forma *você(s)*, hoje se constitui como um “verdadeiro arcaísmo”. Ainda sobre essas modificações, o autor acrescenta que “a criação do pronome *você* foi um passo decisivo para outras modificações. É possível imaginarmos até que a tendência à obrigatoriedade da presença do sujeito, confirmada para os dados da norma culta, tenha começado a acentuar-se a partir daí.” (MONTEIRO, 1994, p.153)

No entanto, em relação ao uso do *tu*, o autor é enfático: “[este pronome] se circunscreve a poucas localidades brasileiras; [...] e assim, curiosamente onde se emprega o *tu*, vigora a forma *vocês* para a indicação de vários ouvintes.” (MONTEIRO, 1994, p. 35). Em uma investigação anterior, Monteiro (1990) observou que o *tu*, quando utilizado, vem acompanhado com o verbo na terceira pessoa, como observamos no exemplo dado pelo autor: “*tu* fez alguma pergunta, André?”.

Em seu estudo, Ilari *et al.* (1996, p. 92) afirmam que o *tu* “trata-se de um uso fundamentalmente regional”. Sobre a variação observada no sistema pronominal, Ilari *et al.* (1996, p. 92) sugerem que “talvez o nosso quadro [...] devesse incluir, na segunda pessoa, *o senhor/a senhora*”. Para os autores, “delimitar com alguma precisão a área geográfica em que ocorre o uso do *tu* na fala culta”, reafirma a necessidade de analisarmos outros dados além do NURC.

Em 2002, Menon e Loregian-Penkak observaram a variação da concordância verbal com o pronome *tu* em Porto Alegre, Florianópolis e Lages, localidades que compõem o banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul – VARSUL. Para as autoras, a análise dessa variável, “além de demonstrar as alterações no paradigma dos pronomes pessoais e no das formas verbais, pode trazer contribuições sobre a língua portuguesa do Brasil, como a perda do parâmetro *pro-drop* ou do sujeito nulo.” (MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002, p. 151).

Em trabalho anterior, Menon (1996, p. 510) observou que a concordância das formas *tu* e *você* estaria correlacionada à escolaridade do falante: “quanto maior a escolaridade, mais correção da parte dos informantes”.

Paredes Silva, em 2003, afirma que o falante de português dispõe de pelo menos duas formas alternativas para se dirigir ao interlocutor, numa situação de informalidade: o *tu*, reconhecidamente aceito pelos estudiosos como um pronome pessoal de segunda pessoa, e a forma *você*, à qual nem sempre os estudiosos atribuem o *status* de pronome pessoal. Contudo, a autora ressalta, agora com base em descrições mais recentes do PB (ILARI *et al.*, 1996), que, apesar da falta de consenso sobre o *status* do *você*, é esta a forma que é “reconhecida como pronome pessoal de segunda pessoa do singular para a grande maioria dos falantes brasileiros.” (PAREDES SILVA, 2003, p. 160).

Os resultados de Dias (2007) mostram que o *tu* é mais favorecido entre os mais jovens de 13 a 19 anos, ao apresentar peso relativo de 0.76. Enquanto essa faixa etária tem efeito maior sobre esse favorecimento, a faixa etária com mais 30 anos tem efeito desfavorecedor, com peso relativo de 0.28. Ao comparar as diferentes faixas etárias, Dias (2007) observa que a diferença de 0.48 entre os pesos relativos mostra o quanto essa variável é importante para o entendimento desse fenômeno em Brasília.

Já os dados de Mota (2008), referentes à aplicação dos questionários, mostram que, das 509 realizações, o falante tende a selecionar mais o *você*, representado um total de 89% das ocorrências. Segundo a autora, apesar de os dados terem acusado um índice de 10% para o uso do *tu*, esse índice já se mostra suficiente para revelar um traço até então “inexistente no dialeto mineiro”, tornando, pois, “o município de São João da Ponte uma ilha linguística em Minas Gerais”. (MOTA, 2008, p. 60).

No que concerne aos estudos realizados com dados de falantes maranhenses, temos o trabalho de Ramos que, em 1996, buscou observar o comportamento dos pronomes pessoais na posição de sujeito. A pesquisa revelou que, em São Luís, *locus* da pesquisa, já àquela época, apontava uma nítida preferência pela realização plena do pronome sujeito. Analisando a ocorrência do *tu* e do *você*, a autora observou que o *tu* acusou um percentual de 80% na posição de sujeito enquanto o *você* apresentou percentual de 98,5% nessa posição. Mas, frisa a autora, que, das 61 ocorrências de *você*, 57 delas foram usadas como recurso de indeterminação, como observamos no exemplo: “[...] porque tudo que *você* produz tem que ter alguma coisa comercialmente falando então hoje *você* tá num plano [...]”. (RAMOS, 1996, p. 10)

Por fim, a autora afirmou que, mesmo com a ampla disseminação do *você* no país, a análise dos dados mostra que o *tu*, como forma própria de intimidade, tem resistido a essa pressão, principalmente, entre os mais jovens. Acrescenta ainda que “é preciso investigar atentamente [...] para que um quadro mais adequado à realidade da língua, no que diz respeito ao pronome de segunda pessoa, possa ser traçado.” (RAMOS, 1996, p. 12).

Outro trabalho que buscou observar a alternância do *tu* e do *você*, no Maranhão, foi realizado em 2006. Na pesquisa, Herenio (2006) analisou e comparou dados coletados em duas regiões distintas: Imperatriz, localizada ao sul do Maranhão e Uberlândia, localizada a oeste de Minas Gerais.

A análise revelou que, de todas as referências à segunda pessoa, registradas em Imperatriz, 92,3% das ocorrências são com o *tu* sem a concordância típica de segunda pessoa. Sobre a concordância verbal com o *tu*, a autora frisou que, embora menos frequente, esse pronome acompanhado da forma verbal canônica de segunda pessoa representa “uma marca linguística de Imperatriz”⁷ (HERENIO, 2006, p. 81).

Em suma, buscamos mostrar que os trabalhos e as pesquisas citados nos fornecem fortes evidências a favor da relevância de fatores linguísticos e sociais aqui analisados. Desta forma, essas pesquisas se apresentam como um testemunho valioso da variedade e da oscilação que hoje observamos na língua portuguesa, no que se refere à escolha dos pronomes e tratamentos usados para a segunda pessoa. A seguir, apresentamos os princípios teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa.

2 Metodologia

Constituindo-se como um estudo de natureza geossociolinguístico, ao aliar dois enfoques teóricos da variação regional – a dialetologia e a sociolinguística –, este trabalho busca verificar, com base no *corpus* do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, como as formas *tu* e *você* se encontram atualmente distribuídas no falar maranhense.

⁷ Vale ressaltar que a autora, em nenhum momento, explicita porque considerou o *tu* com a concordância verbal canônica como “uma marca linguística de Imperatriz”.

Para tanto, foram considerados somente os inquéritos já realizados, fato esse que nos levou a delimitar um *corpus* mínimo, isto é, um conjunto de dados⁸ extraído do *corpus* do ALiMA. Assim, foram selecionados 28 informantes estratificados de acordo com base nos seguintes critérios: homens e mulheres em número igual distribuídos em duas faixas etárias, residentes nas seguintes localidades: **São Luís** e **Pinheiro** – Mesorregião Norte, **Bacabal** e **Tuntum** – Mesorregião Centro, e **Alto Parnaíba** e **Balsas** – Mesorregião Sul.

A análise dos dados buscou examinar a relevância das variáveis sociais e linguísticas, no que concerne ao uso de uma ou de outra variante em estudo. Assim, entre aos fatores extralinguísticos verificados, foram selecionadas como variáveis extralinguísticas: i) localidade – São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Alto Parnaíba e Balsas, ii) idade – faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (50 a 65 anos), iii) sexo – masculino e feminino e iv) escolaridade – ensino fundamental e ensino superior. Vale ressaltar que, à exceção de São Luís onde foram considerados 8 informantes, dos quais 4 possuem curso superior completo, nas demais localidades foram considerados apenas quatro informantes escolarizados que cursaram, no máximo, até a 6ª série do Ensino Fundamental.

Já entre os fatores linguísticos foram considerados: i) concordância verbal – concordância ou não concordância, ii) tipo de referência – genérica ou específica e iii) tipo de relato – discurso relatado próprio ou de terceiro.

Uma vez selecionado o *corpus* mínimo e definidas as variáveis, submetemos os dados ao *GoldVarbX*, um programa computacional específico para a análise de regras linguísticas variáveis, que gerou os pesos relativos e a frequência de cada variável, bem como a sua distribuição e relevância estatística, possibilitando-nos observar como se configura a alternância do *tu* e do *você* no português falado no Maranhão. A seguir, apresentamos a análise dos resultados.

⁸ Além dos dados resultantes da aplicação do Questionário Morfossintático - QMS, com ênfase nas questões de natureza morfossintática que tratam do uso dos pronomes pessoais, foram considerados dados referentes às questões metalinguísticas e aos discursos semidirigidos e, ainda, todo e qualquer relato que, de uma forma ou de outra, evidenciasse o uso das formas em estudo.

3 Tu ou Você: os dados

Neste item apresentamos os resultados obtidos com todos os dados coletados, bem como os fatores linguísticos e sociais selecionados pelo programa como estatisticamente relevantes⁹ para a compreensão da variação do *tu* e do *você*.

3.1 A variável dependente

No *corpus* analisado, das 328 formas em referência à segunda pessoa, registramos 126 ocorrências de *tu* e 202 ocorrências de *você*¹⁰, o que representa, respectivamente, uma frequência de 38.4% e 61.6%.

A princípio, os dados contrariam a hipótese geral formulada para a pesquisa: a de que o português falado no Maranhão apresenta uma difusão bastante maior do *tu* sobre o *você*. Assim, em termos gerais, a distribuição do fenômeno ora observado mostra que o português falado no Maranhão apresenta uma alternância entre o *tu* e o *você*, sendo esta última a forma mais utilizada pelos falantes para representar a segunda pessoa do singular.

3.2 A variação diageracional

Como esperado, o fator faixa etária se mostrou o mais relevante, pois, dentre os grupos considerados, este foi o primeiro a ser selecionado pelo programa para análise da variação *tu* e *você*, revelando também que esse fenômeno é, em grande parte, explicado sob o aspecto diageracional.

⁹ Na versão final da dissertação, estão apresentados a análise e os pesos relativos de todos os fatores elencados para a pesquisa, mesmo aqueles que, apesar de não terem sido selecionados pelo programa, são importantes para a compreensão do fenômeno observado. Ressaltamos, ainda, que os dados analisados estão dispostos em cartas linguísticas com vista a permitir a visualização da distribuição diatópica e da análise quantitativa do fenômeno observado.

¹⁰ Observando as possibilidades de variação entre o *tu* e *você* e que esta última forma apresentou frequência mais alta que as formas reduzidas (*cê* e *ocê*), optamos por agrupá-las em um só variante – a forma *você* (*cê* + *ocê*).

Tabela 1- Ocorrências de *tu* de acordo com a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Aplicação/Total		Peso relativo
	N	%	
18-30 anos	64/123	52.0	0.63
50-65 anos	62/205	30.2	0.41
Total	126/328		

Os dados contrariam em parte nossa hipótese, uma vez que são os mais jovens que favorecem o uso de *tu*, com peso relativo de 0.63. Essa frequência nos leva a afirmar que, de um modo geral, a influência da idade indica um processo de mudança em curso. Como a localidade foi também um dos fatores selecionados pelo programa, cruzamos a variável idade e localidade para verificar se essa tendência se aplica em todas as localidades investigadas. O gráfico a seguir nos dá uma visualização melhor de como o *tu* está distribuído por faixa etária e localidade.

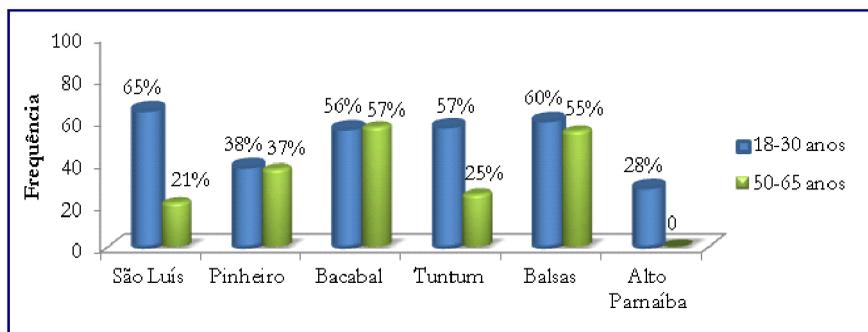


Gráfico 1 – Ocorrências de *tu* de acordo com a faixa etária e localidade

A interação idade x localidade nos permitiu observar que, em São Luís e Tuntum, são os mais jovens que favorecem o uso de *tu*, com 65% e 57% das ocorrências, respectivamente. É interessante observar que os nossos dados apontam a mesma tendência observada por Ramos (1996): em São Luís, capital do Estado, a forma *tu* resiste à pressão do *você*, principalmente entre os mais jovens. Assim, parece-nos que, nessas localidades, estamos diante

de um processo de mudança linguística¹¹.

Nos municípios de Pinheiro, Bacabal e Balsas, os dados revelam que, em termos percentuais, jovens – 38%, 56% e 60% – e idosos – 37%, 57% e 55% – apresentam praticamente o mesmo comportamento linguístico. Considerando que o *tu* tem frequência elevada nessas duas faixas etárias, parece-nos que, nessas localidades, a alternância *tu* e *você* se trata de um fenômeno em variação estável. Apesar de não termos investigado os falantes de idade intermediária, a observação dos dados nos permite uma melhor visualização dessa variação que, em geral, costuma apresentar um padrão curvilíneo.

Nesse sentido, acreditamos que os dados não nos permitem chegar a um resultado conclusivo, sobretudo se observarmos que os mais jovens favorecem o uso de *tu* em Alto Parnaíba visto a não ocorrência dessa forma entre os informantes da segunda faixa etária.

Dessa forma, acreditamos que a interação entre idade e demais variáveis independentes pode ser mais confiável para verificar que tipo de variação encontramos no português falado no Maranhão.

3.3. A variação diatópica

Este foi grupo selecionado pelo programa para análise da variação *tu* e *você*, revelando que esse fenômeno é, em grande parte, explicado sob o aspecto diatópico.

¹¹ Embora seja cedo afirmar categoricamente de que estamos diante de um processo de mudança em direção ao uso de uma forma considerada não padrão – nesse caso, o *tu* seguido da não concordância – conforme verificado em 71,1% das ocorrências, justificamos essa afirmação se considerarmos que os jovens e idosos observados para este estudo não apresentaram o mesmo comportamento linguístico, já que foram os falantes mais jovens que utilizaram com frequência a forma não padrão. Ressalto que a continuidade da pesquisa ora apresentada se faz necessária na tentativa de traçarmos um quadro mais próximo da realidade linguística do Estado, identificando os contextos e as variáveis linguísticas e sociais que estão regulando o uso daquela que, para muitos, é a marca linguística do falar maranhense: o *tu* seguido da concordância padrão.

Tabela 2 – Ocorrências de *tu* de acordo com a localidade

LOCALIDADE	Aplicação/Total		Peso relativo
	N	%	
Alto Parnaíba	5/33	15.2	0.18
São Luís	45/116	38.8	0.48
Tuntum	15/42	35.7	0.48
Pinheiro	31/84	36.9	0.54
Bacabal	13/23	56.5	0.67
Balsas	17/30	56.7	0.72
Total	126/328		

Para a variável localidade, partimos das seguintes hipóteses:

i) A zona urbana, neste caso São Luís, capital do Estado, apresentaria um número maior de ocorrências para o *você*, dado o contato linguístico de pessoas vindas de outras localidades.

Nossa hipótese se sustenta, sobretudo, no estudo de Azevedo (1973) que afirma que o dialetalismo observado na Ilha de São Luís se deve, em grande parte, pela expansão da cidade, aumento da população, penetração maciça de rurícolas na cidade e entrada de nordestinos oriundos, sobretudo, de Pernambuco e do Ceará.

Em grande parte, a nossa hipótese se confirma, pois os dados revelam que São Luís aponta um efeito desfavorecedor sobre o uso de *tu*, com peso de 0,48. Considerando os percentuais, podíamos afirmar, a princípio, que o falante ludovicense tende a selecionar mais o *você* que o *tu*, dada a capital ser a região mais sujeita a inovações linguísticas.

ii) A zona rural, neste caso os municípios mais distantes da capital, conservaria o *tu*, como marca de identidade regional, principalmente na fala dos mais idosos.

Observamos que, quanto mais distante for o município da capital, maior a incidência de *tu*. É o caso de Pinheiro, com peso relativo de 0.54; Bacabal, com 0.67; e Balsas, com 0.72. Em contrapartida, Tuntum apresentou percentual próximo ao verificado em São Luís, com peso relativo de 0.48; e Alto Parnaíba, com peso de 0.18, descartou, em parte, nossa hipótese inicial.

Em suma, a análise desse fator permite observar que, dependendo da área dialetal¹² definida, essas formas apresentam um comportamento linguístico diversificado.

3.4 Tipo de relato

Entre as três variáveis linguísticas testadas, o fator tipo de relato mostrou-se estatisticamente relevante para explicar a seleção do *tu*. Os resultados dos cálculos probabilísticos, gerados a partir da amostra geral, confirmam a hipótese inicial: o *tu* é favorecido pelo *discurso relatado*, pois, ao relatar um acontecimento, o falante se afasta do fato narrado e, portanto, do seu envolvimento direto com o discurso, ao apresentar peso relativo de 0.76.

Tabela 3 – Ocorrências de *tu* de acordo com o tipo de relato

TIPO DE RELATO	Aplicação/Total		Peso relativo
	N	%	
Próprio	93/275	33.9	0.44
Terceiro	33/54	61.1	0.76
Total	126/328		

Os dados mostram, ainda, que em *falas próprias* há um favorecimento maior de *tu* com a concordância que em *falas retomadas*, com peso relativo de 0.66. Esse resultado nos permite supor que essa forma é mais conservadora, visto que o falante põe no outro a responsabilidade de usar uma forma não padrão', neste caso o *tu* sem a flexão verbal de segunda pessoa.

A esse respeito Menon e Loregian-Penkal (2002, p. 183) afirmam que “no discurso relatado de terceiros, ele [o falante] “culpabiliza” o outro na ocorrência do pronome; como ele reproduz a fala do outro, pode estar aí a consciência linguística da mudança, mas sempre na boca do outro, não na

¹² Para uma melhor compreensão da influência do fator diatópico na alternância *tu* e *você*, conferir o item que trata da distribuição geral de *tu* e *você* por informantes (ALVES, p. 76-89). Lá, os dados foram analisados por mesorregião, de modo a nos permitir esclarecer as diferenças entre as localidades ora observadas.

sua". Considerando a afirmação das autoras e tomando como base nossos resultados, podemos concluir que: i) na reprodução da *fala de terceiro*, o falante opta pelo *tu*, dado o contexto permitir o uso de um estilo mais informal, já que o *você* é a forma de respeito e/ou cortesia; ii) na reprodução da *fala própria*, o informante opta pelo *tu* seguido da concordância, pois o contexto favorece uma maior atenção à forma linguística considerada padrão.

3.5 Concordância verbal com o *tu*

A análise do fator concordância pode nos ajudar a esclarecer se o *tu*, seguido da concordância típica de segunda pessoa, ainda pode/deve ser considerado como um elemento característico do falar maranhense. Para tanto, fizemos uma rodada geral só com as ocorrências de *tu*, em que foram registrados 126 dados, sendo 14 formas seguidas da concordância típica de segunda pessoa e 112 formas desprovidas da marca de concordância.

Como podemos observar, esse número representa a frequência geral de todas as ocorrências de *tu* na amostra selecionada para a pesquisa, porém acreditávamos que a marca de concordância fosse mais favorecida nos dados, sobretudo na capital. Nesse sentido, esperávamos que São Luís, capital do Estado, favorecesse o uso de *tu* seguido da forma verbal de típica de segunda pessoa, ao passo que os demais municípios favorecessem a não concordância.

Tabela 4 – Ocorrências de *tu* de acordo com a concordância nas localidades

LOCALIDADE	CONCORDÂNCIA		NÃO CONCORDÂNCIA	
	N	%	N	%
São Luís	13/45	28.9	32/45	71.1
Pinheiro	1/31	3.2	30/31	96.8
Bacabal	0/13	0.0	13/13	100
Tuntum	0/15	0.0	15/15	100
Balsas	0/17	0.0	17/17	100
Alto Parnaíba	0/5	0.0	5/5	100
Total	14/126	11.1	112/126	89.9

Pelos percentuais vemos que, em parte, nossa hipótese foi confirmada: todos os municípios favorecem a não concordância. Os dados nos permitem observar ainda que, embora não relevante estatisticamente, a concordância verbal com o *tu* foi registrada em um único município do interior do Estado.

Recorrendo às entrevistas realizadas em Pinheiro, observamos a ocorrência de *tu* seguido do morfema *-ste*, marca de segunda pessoa do pretérito perfeito indicativo, na fala de um informante da primeira faixa etária, sexo masculino. A princípio, supomos que essa ocorrência devesse ao fato de o falante tentar exibir o comportamento do inquiridor por imaginar/ considerar essa a forma “correta” e mais apropriada à situação formal. Porém, ficou difícil sustentar essa hipótese, pois não temos como recuperar se esse uso foi feito de forma consciente, sobretudo se considerarmos que, no mesmo turno, temos a ocorrência de *tu* e de *você* seguida da forma verbal de terceira pessoa.

Já os dados observados entre os falantes ludovicenses contrariam nossa hipótese: a forma *tu* está acompanhada da forma verbal de terceira pessoa em 71.1 % das ocorrências. Mas, apesar de os resultados evidenciarem uma maior probabilidade de não concordância, São Luís foi a única localidade que apresentou maior frequência de uso da forma verbal típica de segunda pessoa.

A fim de observar o comportamento da concordância na capital, fizemos uma rodada em separado com os dados de São Luís, atribuindo como valor de aplicação o *tu* com concordância de segunda pessoa. E, conforme esperávamos, o fator escolaridade foi o primeiro a ser selecionado pelo programa, resultado esse que nos leva a afirmar que o *tu* com a concordância tende a ser favorecido entre os falantes mais escolarizados, ao apresentar peso relativo de 0.76.

Considerações

A pesquisa buscou “revelar” uma “fotografia geossociolinguística” do falar maranhense no que concerne a alternância *tu* e *você*. Os dados mostraram que, diferentemente do que imaginávamos, o seu uso não supera estatisticamente a forma *você*, que apresentou percentual de 61.6% nas ocorrências, enquanto o *tu* apresentou-se em apenas 38.4% das ocorrências.

Em contrapartida, esse percentual contraria a afirmação categórica de autores como Monteiro (1990, p. 6) que afirma que o português falado no

Brasil apresenta um sistema binário – *você* e *o senhor*, tendo a forma *tu* um “emprego restrito a certas situações [...]”.

Já a observação de Ilari *et al* (1996) é confirmada em nossos dados, uma vez que a variável diatópica foi estatisticamente relevante para a seleção de *tu* e *você*, mostrando, pois, que, dependendo da área dialetal definida, essas formas apresentam um comportamento linguístico diversificado.

Quanto à influência do fator idade, os percentuais gerados pelo programa permitiram-nos constatar que a variação diageracional condiciona o uso das formas *tu* e *você*. Porém, diferente do que acreditávamos, são os mais jovens que empregam, com maior frequência, a forma *tu*, ao passo que os mais idosos utilizam a forma *você*.

Os dados também apontam que, em discursos relatados, os falantes tendem a empregar mais o *tu* que o *você*. Em relação a esse grupo de fator, observamos que, em falas que apresentam concordância verbal variável, o *tu* com a concordância tende a ser favorecido quando do discurso do próprio informante.

Em relação à concordância verbal, esperávamos que os falantes maranhenses tendessem ao uso do *tu* seguido da forma verbal típica de segunda pessoa. Mas, diferentemente do que verificamos na amostra, a maioria das ocorrências de *tu* é acompanhada com verbo na terceira pessoa. É válido ressaltar que, apesar de o número de ocorrências ter favorecido a não concordância, em São Luís há um favorecimento muito grande para aparecer a forma verbal na fala dos informantes mais escolarizados. A princípio, vemos que os escolarizados tendem a usar o *tu* seguido da concordância verbal e a desfavorecer tal uso quando da reprodução da fala de terceiros, indicando uma possível consciência linguística da mudança, uma vez que esses falantes atribuem ao outro a ocorrência da forma não padrão, que nesse caso é o *tu* com verbo na terceira pessoa.

Esperamos, pois, ter contribuído para as discussões às quais nos propusemos no início deste trabalho, ao ‘revelarmos uma fotografia geossociolinguística’ do português falado no Maranhão no que concerne ao uso do *tu* e do *você*, tendo em vista que, até então, não estão suficientemente delimitadas as localidades que apresentam em sua fala a alternância entre o *tu* e o *você*.

Referências

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2010.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

AZEVEDO, Ramiro Corrêa. O falar são-luizense. *Construtora*, São Paulo, n. 3, p. 269-278, 1973.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Caminho dos pronomes pessoais no Português Brasileiro: considerações a partir de dados do Projeto ALiB. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., São Paulo, 2008. *Anais...* São Paulo: FFLCH USP, 2008. p. 321-345.

CINTRA, Lindley. *Formas de tratamento na língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

DIAS, Edilene Patricia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

HERENIO, Kerlly Karine Pereira. *Tu e você em uma perspectiva intra-linguística*. 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2006.

ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASÍLIO, Margarida. (Orgs). *Gramática do português falado*. v. 4: Estudos descritivos. São Paulo: FAPESP/ Editora da Unicamp, 1996. p. 79-166.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasileira*. 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília. 2005.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal da região sul. In: SIMPÓSIO NACIONAL DO GT DE SOCIOLINGUÍSTICA DA ANPOLL, 11., João Pessoa, 1996. *Anais...* Campinas: ANPOLL, 1997. p. 501-503.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo: *tu/você* no Sul do Brasil. In: VANDRESSEN, Paulino. (Org.) *Variação e mudança no português na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

MONTEIRO, José Lemos. Variação no uso dos pronomes pessoais no português do Brasil. *Verba: Anuário Galego de Filologia*, Santiago de Compostela, n. 17, p. 145-57, 1990. Separata.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 160-169.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. *O português falado em São Luís: os pronomes pessoais na posição de sujeito*, 1996. (mimeo).

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular*. 1999. 109f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 1999.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et al. *O português falado no Maranhão: estudos preliminares*. São Luís: EDUFMA, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro*. Brasília: UNB; Vitória: UFES. 66p. Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos PPGEL/UFES, Programa de Pós-Graduação em Linguística PPGL/UNB. (Conselho Nacional de Pesquisa – Chamada PQ Triênio 2010-2012). Projeto em andamento.

SOARES, Maria Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1980.